**IMPACTOS DA PANDEMIA SOBRE O SETOR DE SERVIÇOS NO BRASIL E EM SANTA CATARINA[[1]](#footnote-1)**

Andrey Ide[[2]](#footnote-2), UFSC, ide.andrey@gmail.com

Lauro Mattei[[3]](#footnote-3), UFSC, l.mattei@ufsc.br

Área Temática 7: Desenvolvimento regional e urbano.

**RESUMO**

A partir de fevereiro de 2020 o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro iniciou uma trajetória de queda decorrente da nova dinâmica que se impôs nas relações econômicas devido à pandemia de Covid-19. O setor de serviços puxou esta trajetória, uma vez que contribui com 70% do PIB a nível nacional e com 60% do PIB catarinense. Sua característica de baixos custos de entrada e saída facilita empreendimentos autônomos, possibilita a absorção de mão de obra barata e configura um mercado de trabalho com altas taxas de informalidade. Já em 2021, o setor se recupera dos resultados deficitários, porém com dois de seus cinco subsetores crescendo abaixo do nível pré-pandêmico. E, apesar de heterogêneo, a dependência da presença física de seus consumidores é o fator comum que derrubou o crescimento do setor em 2020. Meios de transporte pararam, aulas presenciais se transformaram em EAD, o teletrabalho se expandiu, restaurantes, centros de ensino e estética, academias e demais serviços não essenciais foram interrompidos. Mas, a necessidade de trabalhadores catarinenses gerarem renda compeliu o mercado a se reinventar. Dada a sua importância e peso na economia, este estudo objetiva analisar as variações no volume de serviços prestados na última década, com enfoque nos últimos anos de pandemia, a fim de compreender o cenário de recuperação para o setor e conjecturar possíveis perspectivas para 2022.

**Palavras-chave:** serviços; pandemia; COVID-19; Brasil; Santa Catarina.

**INTRODUÇÃO**

Em 01 de janeiro de 2020 as autoridades sanitárias da China contabilizavam 381 infectados com um novo tipo de pneumonia. Apenas dez dias depois elas confirmaram a primeira morte pela nova cepa do vírus, a SARS-Cov-2 (GAMA NETO, 2020, p. 114). O Ministério da Saúde brasileiro confirmaria em 26 de fevereiro daquele ano o primeiro caso de infecção pelo novo Corona vírus (RODRIGUES, 2020).

Em março de 2020 mais de 210 milhões de brasileiros foram surpreendidos por uma nova realidade que se impunha. A árdua tarefa de sobreviver em um país com inflação crescente e que atingiria níveis recordes de desemprego – 14,9 milhões de desempregados em julho de 2021 (IBGE, 2020a) – fora agravada pelo risco sanitário de respirar em público. A pandemia de COVID-19 mudou a forma como, não só os brasileiros, mas como todos os habitantes do planeta interagem. Tal transformação se refletiu na dinâmica econômica, principalmente nos setores de atividades que requerem contato humano presencial, tal qual o setor de serviços. De repente, medidas de proteção como o uso de EPIs (equipamentos de proteção individual) se tornaram mandatórias. A utilização de máscaras e álcool gel veio acompanhada de interrupções: fronteiras nacionais fechadas, transporte interestadual e interurbano cancelados, bares, salões, hotéis, restaurantes, empresas e escolas fecharam, atividades não essenciais como serviços de estética, cultura, esporte e lazer foram restringidas.

Em termos de postos de trabalho, o setor mais afetado pela pandemia da Covid-19 foi o setor de serviços. No segundo trimestre de 2020, apenas em Santa Catarina, quase metade dos empregos perdidos no período pertenciam ao setor (IBGE apud. HEINEN e MATTEI, 2020). Constata-se também que os serviços no Brasil são movidos por significativa parcela de mão de obra com pouca ou nenhuma qualificação, além de um alto grau de informalidade e baixa produtividade (ARBACHE, 2015, p. 283-287). O setor contribui com 70% do PIB brasileiro e 60% do PIB catarinense, o restante se distribui entre a indústria e a agropecuária (IBGE, 2020b). Assim, a paralisia de um setor que é responsável por mais de dois terços da geração de riquezas cujos empregos são pouco estáveis, afeta direta e imediatamente toda a população brasileira.

Segundo a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005a apud. IPEA, 2006, p. 15) o “crescimento da produtividade e do emprego é altamente dependente do sucesso das empresas de serviços, que são importantes agentes do crescimento econômico recente de muitas economias dos países associados àquela organização”. Uma explicação para a relevância do setor é a crescente globalização dos serviços. Há algumas décadas que empresas buscam fornecedores de serviços especializados nas cadeias globais com o intuito de terceirizar e baratear custos. “Essa dinâmica foi intensificada por mudanças tecnológicas, como a digitalização dos serviços e a emergência de redes de banda larga. O resultado é um crescimento significativo do comércio exterior em serviços” (IPEA, 2006, p. 18). Em 1993 o Brasil exportava U$$ 3,9 bilhões em serviços, em 2003 eram U$$ 9,6 bilhões (IPEA, 2006, p. 18). Após 20 anos, em 2013, foram U$$ 38 bilhões exportados, quase 10 vezes mais. Já em 2020, frente ao arrefecimento das economias em tempos pandêmicos, exportaram-se U$$ 28 bilhões, ao passo que as importações do setor também caíram; em 2013 eram U$$ 84 bilhões e em 2020 a Balança Comercial de Serviços mostra um fechamento com U$$ 48 bilhões importados. Em suma, um déficit de U$$ 46 bilhões em 2013 e U$$ 20 bilhões em 2020 (CASTRO et. Al, 2020, p. 12)

A marca da recente expansão do setor de serviços é a incorporação de novas tecnologias nas telecomunicações, na criação de softwares, no desenvolvimento de plataformas online, serviços de design, engenharia, pesquisa e desenvolvimento, Tecnologia da Informação (TI), hospedagem de websites, bem como de serviços intensivos em conhecimento tais quais os serviços informáticos, de consultoria e gestão, desenvolvimento de aplicações móveis, etc.

Considerando a recente mudança citada, a importância de ser o setor mais contributivo (%) para a economia e de ser o que mais emprega, que o presente estudo apresenta sua relevância na tentativa de demonstrar os impactos econômicos da pandemia de coronavírus no volume negociado de serviços no Brasil. Para isto serão utilizados dados oficiais fornecidos, principalmente pelo IBGE no sistema SIDRA. Entre eles está a Pesquisa Mensal de Serviços, fonte para as tabelas e gráficos apresentados. Além desta introdução, a primeira seção analisa o histórico e particularidades do setor de serviços no Brasil, a segunda seção investiga o desempenho do setor na última década (2011 – 2021) e mais especificamente durante o último biênio de pandemia, a terceira analisa o desempenho de Santa Catarina no período pandêmico e a quarta finaliza com as considerações finais e prospecções para o ano de 2022.

**1-HISTÓRICO E PARTICULARIDADES DO SETOR DE SERVIÇOS NO BRASIL**

Para compreender o setor é necessário simplificar o significado de “serviços”. Segundo o Conselho Econômico Canadense (1991) uma definição possível seria: atividades que resultam de um processo onde produção e consumo são coincidentes no tempo e espaço. Em suma, “os serviços são intangíveis, intransferíveis, não-estocáveis e culminam em contato direto entre produtores e consumidores” (ECC, 1991 apud. IPEA, 1998, p. 3).

Em 2003 sob o comando de Luís Inácio Lula da Silva o Brasil manteve a estabilidade macroeconômica enquanto implementavam-se novas políticas de estímulo ao investimento produtivo e à geração de emprego e renda. Auxiliadas pelo aumento de preços e aumento da demanda global por *commodities*, estas políticas baseadas em uma estratégia de estímulo ao consumo do mercado interno fizeram o país alcançar taxas de crescimento superiores aos dos países emergentes no quinquênio entre 2003 e 2008 (PEREIRA e MATTEI, 2015, p. 7).

A expansão do fornecimento de crédito tanto ao produtor como ao consumidor, por meio de empréstimos concedidos por bancos públicos, impulsionou a atividade econômica. No período entre os dois mandatos de Lula (2003-2010) foram criados 14 milhões de empregos formais. Apesar dos baixos salários pagos, a criação destes postos contribuiu para reduzir o mercado de trabalho informal e a sua precariedade. Ainda, a política de aumento salarial conseguiu elevar em 60% o salário mínimo real. Neste mesmo período a renda per capita brasileira aumentou de £118 para £165; a uma taxa de conversão de R$ 4,66 em abril de 2015, o aumento percentual foi de 40% passando de R$ 549,88 para R$ 768,9 (CAMPELLO e NERI, 2014, p. 29 apud. PEREIRA e MATTEI, 2015, p. 7).

Poder-se-ia questionar a relação do aumento real de renda com o crescimento do setor de serviços com o aumento do poder de compra do brasileiro. Mas, segundo Arbache (2012 apud. ARBACHE, 2015, p. 277), apesar da entrega de um cenário favorável em 2011, o “arranque do setor de serviços nas últimas décadas não resultou do aumento significativo da renda média, mudança [...] da composição da demanda, crescimento industrial ou outros fatores [...] como acontecera em países industrializados”. Para o autor, o aumento da participação dos serviços no PIB deu-se pela perda de dinamismo de outros setores, pelo seu próprio crescimento vegetativo, pelo aumento da população urbana, pelo fato de que os custos econômicos de entrada e saída em termos de tecnologia, capital e força de trabalho são relativamente baixos no setor se comparados à indústria e à agropecuária. Além disso, para uma grande massa de trabalhadores não especializados, recém-chegados no mercado de trabalho em décadas de baixo crescimento (1980 e 1990), prestar serviços era a oportunidade de gerar renda mais acessível.

Este processo de desindustrialização relativa que o país enfrenta desde a década de 1990 aliado a fatores como o processo de urbanização, às mudanças de hábitos da população, ao crescimento populacional, ao aumento da demanda por serviços – bem como ao recente processo de digitalização dos serviços e migração para plataformas online que congregam serviços de entrega, vendas, novas *fintechs* bancárias, serviços de transporte, de educação, serviços de alimentação, fretamento, entre outros – fizeram aumentar a demanda por serviços.

Entre 1947 e 1985 o setor de serviços brasileiro contribuía com aproximadamente 50% do valor total do Produto Interno Bruto (PIB) (ARBACHE, 2015, p. 277). Desde então cresceu em ritmo acelerado até chegar em 2019 contribuindo com cerca de 73,3% do total do PIB. Pela ótica da oferta o setor de serviços de serviços chegou a representar 72,7% do PIB em 2020 e mais recentemente 69,8% em 2021 (IBGE, 2021d).

O setor também lidera na geração de empregos. Segundo dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, (CAGED) em fevereiro de 2021 o setor de serviços gerou 215.421, novos postos com carteira assinada enquanto a indústria e agropecuária geraram 43.000 e 17.415 novos vínculos empregatícios respectivamente. (Novo CAGED, 2022 apud. NASCIMENTO, 2022). Em termos percentuais, segundo o IBGE, o setor de serviços responde por 68% do emprego no país; em números absolutos são mais de 55 milhões de brasileiros (IBGE, 2021 apud. MANS, 2021).

Torna-se importante pontuar que apesar da facilidade em iniciar um empreendimento no setor de serviços mais tradicionais, a diversidade do mesmo contempla desde organizações que demandam o uso da “força braçal” em atividades operacionais até os serviços de alta complexidade que demandam recursos tecnológicos e mão de obra especializada (IBGE, 2020a, p.7 apud. ELIAS et. Al, 2020, p. 37). As mudanças mais recentes nas demandas por serviços acontecem ao passo em que a sociedade precisou consumir serviços à distância, de dentro de suas casas. Para entende-las, utilizar-se-ão dados das Pesquisas Mensais de Serviços disponíveis no Sidra do IBGE que abrangem 166 tipos de atividades colhidas de empresas com mais de 20 funcionários com carteira assinada.

**2-O SETOR DE SERVIÇOS BRASILEIRO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

As quedas da participação do setor de serviços no PIB registradas em 2020 (72,7%) e 2021 (69,8%) coincidem com períodos de restrições aos serviços e isolamento social (IBGE, 2021b). Pode-se afirmar, conforme dados a serem apresentados, que a pandemia de COVID-19 foi o principal fator para tais quedas. Não apenas pelas restrições e isolamento, mas também por suas consequências: bancarrota de empresas, perdas de postos de emprego, substituição da força de trabalho em função da digitalização visando o corte de custos, diminuição da renda para consumo e a paralização durante meses tanto de serviços privados como públicos.

O Gráfico 1 compara resultados das séries históricas do volume de serviços prestados no Brasil e em Santa Catarina. No país há um pico em novembro de 2014 e um vale em abril de 2020 e Santa Catarina acompanha essa trajetória. Majoritariamente, nesta última década, o estado barriga verde pontua acima da média nacional. O pico de crescimento do setor se dá em novembro de 2014 quando atinge 125,7 pontos percentuais (p.p.) e o vale acontece justaposto ao período de restrições de serviços em abril de 2020 marcando 84,6 p.p. Percebe-se uma trajetória ascendente entre janeiro de 2012 e dezembro de 2014, logo após uma queda até o final de 2016, um processo de estagnação entre o início de 2017 e início de 2020 e uma queda abrupta a partir de fevereiro de 2020 que só se recuperará em setembro do mesmo ano.

Entende-se que os resultados negativos apresentados em fevereiro de 2020, visíveis na Tabela 2, ainda não decorrem das medidas de isolamento social, mas sim da desaceleração do setor frente ao avanço obtido no fim de 2019 (IBGE, 2020c apud. ELIAS et. Al, 2020, p. 37). Este último movimento excepcional em forma de “V” visto no Gráfico 1 é antecedido por um triênio (2017 – 2019) de expansões e retrações pouco expressivas, sem uma amplitude significativa entre picos e vales. Para Santa Catarina a diferença mais significativa ocorreu entre maio de 2018 e maio de 2019, um total de 10,54 p.p. Já no cenário brasileiro tal amplitude não passou 6 p.p. Em outros termos, a conjuntura de expansão do volume de serviços prévia à pandemia já não era favorável; ela seguia uma trajetória lateral desde 2016.

Neste último bienio, percebe-se que o Brasil se recupera após exatamente um ano de pandemia. Em fevereiro de 2021 marca 103,3 p.p., estando 0,8 p.p. acima do mesmo mês em 2020 (102,05). Apesar de cair novamente em março, abril e outubro de 2021, o setor segue crescendo. As quedas em 2021 acontecem nos mesmos meses do auge de mortes por Covid-19: março e abril; à esta altura, novas restrições foram impostas para conter as mais de 3.000 mortes diárias que passaram de 4.000 em abril (USP-FMRP, 2021). Um adendo importante é que Santa Catarina inicia sua trajetória de recuperação mais precocemente e em ritmo mais acelerado do que a média do país. Já setembro de 2020 o estado marca 105,45 p.p.; total de 2,3 p.p. acima do nível pré-pandêmico.

**Gráfico 1:** Índice do volume de serviços no Brasil e em Santa Catarina na última década (2018 = 100, com ajuste sazonal)

Fonte: PMS-IBGE; elaborado pelo autor.

A variação anual acumulada exposta na Tabela 1 deixa esmiúça e clarifica ainda mais a análise anterior. Após o pico de crescimento em 2014, os resultados do triênio 2015 – 2017 são todos negativos para ambas os territórios. Santa Catarina só volta a cresce em 2018 enquanto o Brasil passa pela estagnação. Em 2019 as taxas de crescimento não passam de 1,2 p.p. e no ano seguinte o tombo brasileiro (déficit de -7,8) é o dobro do catarinense que cai – 3,9%. A recuperação só acontece em 2021 e ainda está distante dos bons resultados marcados até 2014.

Tal recuperação em 2021 pode ser explicada por incentivos governamentais às empresas e famílias por meio do Auxílio Brasil e do Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (PRONAMPE) entre outras razões a serem discutidas. O saldo é positivo, Santa Catarina chega a 119,76 p.p. em dezembro do mesmo ano, muito próximo do recorde histórico em 2014 e o Brasil também com 109,33 p.p., uma diferença de 5,9 p.p. antes os 115,24 p.p. de novembro de 2014, também recorde da série histórica.

**Tabela 1:** Variação anual acumulada (%) do volume de serviços no Brasil e em Santa Catarina entre 2012 e 2021 (2014 = 100, com ajuste sazonal)

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Ano | Brasil | Santa Catarina |
| 2012 | 4,3 | 3,3 |
| 2013 | 4,1 | 6,6 |
| 2014 | 2,5 | 6 |
| 2015 | -3,6 | -3,5 |
| 2016 | -5,0 | -8,2 |
| 2017 | -2,8 | -5,3 |
| 2018 | 0 | 1,7 |
| 2019 | 1 | 1,2 |
| 2020 | -7,8 | -3,9 |
| 2021 | 10,9 | 14,8 |

Fonte: PMS-IBGE; elaborada pelo autor.

Em fevereiro de 2020 o Brasil inicia uma trajetória de queda súbita do volume de serviços, mesmo mês do primeiro caso identificado de Covid-19 em São Paulo. A partir desse momento as quedas são contínuas até junho do mesmo ano. Foram quatro meses de resultados negativos, sendo que em abril, conforme aumentavam os casos novas restrições eram impostas em todos as unidades federativas. O isolamento e as restrições deste quadrimestre podem ser notados na Tabela 2. Segundo os resultados mês a mês, abril representa a maior queda do biênio, um déficit de -12,4%. O Gráfico 2 exemplifica bem o momento de impacto da Covid-19 na economia e sua posterior recuperação. A linha da série com ajuste sazonal forma um “V” com seu ponto mais baixo perto do fim do primeiro semestre, em maio de 2020. Logo após inicia a recuperação que perdurará até fevereiro do próximo ano.

**Gráfico 2:** Índice do volume de serviços no Brasil entre 2018 e 2021 (2018 = 100, com ajuste sazonal)

Fonte: PMS-IBGE; elaborado pelo autor.

Olhando para a tendência de todo o período pandêmico, a recuperação iniciada em junho de 2020 foi perdendo força até dezembro quando a variação mensal foi nula. E, apesar de seguir crescendo mensalmente, em março, setembro e outubro de 2021 houveram quedas de -2,8%, -0,6% e -1,6% respectivamente. Os melhores resultados deste ano foram marcados em fevereiro (4%) e novembro (2,9%). No total, o ano de 2021 apresentou três variações mensais negativas, três variações abaixo de 1% e seis variações positivas acima de 1%.

Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a profunda retração enfrentada em 2020 fica ainda mais evidente. Após fevereiro todos os resultados são negativos com um pico de -19,3% em maio. Apesar da variação anual de 2018 ter sido nula e a de 2019 ter sido de apenas 1%, remetendo à estagnação, o primeiro ano de pandemia conseguia ser ainda pior. Em suma, ao final do ano as perdas acumuladas eram de - 7,8%. Já 2021 apresenta quase todos seus resultados positivos acima dos dois dígitos. Era de se esperar, em virtude da base de comparação majoritariamente deficitária desempenhada em 2020.

Na terceira coluna da Tabela 2, consegue-se acompanhar o acúmulo de perdas anual entre março do primeiro ano de pandemia e março do ano seguinte. O segundo ano fecha com um resultado positivo de 10,9% que eclipsa o resultado negativo de -7,8% de 2020. E se notarmos os 12 meses anteriores, a economia do setor de serviços só começa a mostrar uma reação de 0,4% em junho de 2021. Ela segue tomando força rapidamente, devido à toda demanda reprimida dos últimos períodos e fecha o ano com um superávit até aquele momento não visto desde que o IBGE iniciou a publicação da PMS (vide Tabela 1).

**Tabela 2:** Variação (%) do volume de serviços prestados no Brasil na pandemia (2014 = 100)

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Mês** | **No mês (com ajuste sazonal)** | **Mesmo mês ano anterior** | **Acumulado** **Anual** | **Acumulado em 12 meses** |
| janeiro 2020 | 0,8 | 1,6 | 1,6 | 1 |
| fevereiro 2020 | -1,3 | 0,6 | 1,1 | 0,7 |
| março 2020 | -5,6 | -2,8 | -0,2 | 0,7 |
| abril 2020 | -12,4 | -17,3 | -4,5 | -0,6 |
| maio 2020 | -1,5 | -19,3 | -7,6 | -2,6 |
| junho 2020 | 4,5 | -12,2 | -8,4 | -3,4 |
| julho 2020 | 3,1 | -12 | -8,9 | -4,5 |
| agosto 2020 | 3,2 | -10 | -9 | -5,3 |
| setembro 2020 | 2,6 | -7 | -8,8 | -6 |
| outubro 2020 | 1,9 | -7,4 | -8,7 | -6,8 |
| novembro 2020 | 1,9 | -5 | -8,3 | -7,4 |
| dezembro 2020 | 0 | -3,1 | -7,8 | -7,8 |
| janeiro 2021 | 0,8 | -5 | -5 | -8,4 |
| fevereiro 2021 | 4 | -1,8 | -3,5 | -8,6 |
| março 2021 | -2,8 | 4,6 | -0,8 | -8 |
| abril 2021 | 0,8 | 20,1 | 3,8 | -5,3 |
| maio 2021 | 1,9 | 23,3 | 7,3 | -2,1 |
| junho 2021 | 1,9 | 21,1 | 9,5 | 0,4 |
| julho 2021 | 1 | 17,8 | 10,7 | 2,9 |
| agosto 2021 | 0,6 | 16,6 | 11,4 | 5,1 |
| setembro 2021 | -0,6 | 11,5 | 11,5 | 6,8 |
| outubro 2021 | -1,6 | 7,3 | 11 | 8,1 |
| novembro 2021 | 2,9 | 10,2 | 10,9 | 9,5 |
| dezembro 2021 | 1,7 | 10,9 | 10,9 | 10,9 |

Fonte: PMS-IBGE; elaborada pelo autor.

Na Tabela 3 constata-se que em março e abril de 2020 todas as subdivisões do setor de serviços obtiveram decréscimos. As maiores quedas estão nos serviços prestados às famílias com -32,2% e -43,7% respectivamente nestes dois meses. Abril de 2020 foi especialmente retrativo. No total o déficit atingiu -12,4%, sendo que os serviços de transporte e correio diminuíram -18,9%, os serviços profissionais, administrativos e complementares caíram -10,8%, outros serviços pontuaram negativamente -9,5% e, com a menor queda ficaram os serviços de informação e comunicação (-3,2%). Estes últimos, junto ao subsetor de serviços de transportes e correio estarão na dianteira da retomada do setor como um todo. Percebe-se que em 2020 eles apresentam as menores quedas, de -1,6% e -7,6% respectivamente e já em 2021 estas são as atividades que representam os maiores ganhos percentuais depois dos serviços prestados às famílias. Claro, após de obter a maior queda, a recuperação desta última também tenderia a ser proporcionalmente maior; um total de 18,2% enquanto os serviços de transporte e correio cresceram 15,2% e os de informação e comunicação cresceram 9,5%.

Estes dois subsetores supracitados já se recuperaram e continuam crescendo após fevereiro de 2021; são os setores que, como percebido pela mudança na dinâmica do consumo e da demanda por transportes e correios, se expandiram por necessidade de se evitar contato físico. Os prestadores de serviços entenderam a primordialidade de integrar seus serviços presenciais com plataformas online, além da necessidade de expansão dos serviços de entrega rápida. Em 2022 as compras são feitas online, desde microempresas aos grandes conglomerados a adaptação às novas exigências sanitárias, a reformulação dos canais de venda, o atendimento ao cliente por redes sociais, aplicativos de mensagens, a automatização do atendimento por *chatboots*, a diminuição drástica dos custos operacionais com força de trabalho, também fizeram com que estes subsetores crescessem. Tais adaptações acontecem face a uma inflação crescente, principalmente dos combustíveis que interfere nos serviços de transportes e correios; ainda assim o subsetor cresce. A incessante busca por serviços de T.I pode fornecer uma ideia da razão de ainda haver crescimento em meio à crise econômica que o Brasil atravessa.

É visível a retração da divisão de serviços prestados às famílias. Ela engloba desde alojamento e alimentação até os serviços de atividades esportivas, de educação não continuada, serviços culturais, de recreação e lazer, bem como serviços de hotéis, restaurantes, bufês, lavanderias, salões de beleza, ensino de idiomas, teatro e espetáculos em geral, até mesmo casas de bingo, serviços de sorteios via televisão, telefone, rádio, internet, academias, centros de condicionamento físico, bem-estar e práticas desportivas e etc. A maior parte destas atividades depende das relações presenciais afetadas pelas restrições ao funcionamento dos serviços (IBGE, 2022b).

Outro ponto importante a se notar é o setor de outros serviços que apresentou quedas de março a maio de 2020 e de setembro a outubro de 2021, mas no balanço geral do acumulado anual terminou com saldos positivos de 6,8% e 5% respectivamente. Tais atividades englobam compra, venda e aluguel de imóveis, administração de: condomínios, centros comerciais e outros imóveis, de bolsas de mercados, intermediação em transações de títulos, valores mobiliários e mercadorias, manutenção e reparação de veículos automotores, de equipamentos eletroeletrônicos, computadores de uso pessoal e doméstico, administração de fundos por contrato ou comissão, corretagem de seguros, previdência complementar e planos de saúde, além de atividades de apoio à pecuária, produção florestal, coleta de resíduos, reciclagem, gestão de esgoto, descontaminação de solos e águas, entre outros (IBGE, 2022b).

**Tabela 3:** Variação mensal e acumulado anual (%) no volume das atividades de serviços prestados no Brasil (2014 = 100)

|  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Mês** | **Total** | **Serviços****Prestados****às Famílias** | **Serviços de****Informação e****Comunicação** | **Serviços****Profissionais****Administrativos****Complementares** | **Serviços de****Transporte** **Auxiliares****e Correio** | **Outros****Serviços** |
| janeiro/20 | 0,8 | 1,8 | 0 | -1,2 | 0,6 | 2,6 |
| fevereiro/20 | -1,3 | -0,9 | -0,8 | -0,6 | -0,6 | 1 |
| março/20 | -5,6 | -32,2 | -1,4 | -3,1 | -4,9 | -2,2 |
| abril/20 | -12,4 | -43,7 | -3,2 | -10,8 | -18,9 | -9,5 |
| maio/20 | -1,5 | 11,7 | -1,8 | -2,4 | 3,5 | -3,7 |
| junho/20 | 4,5 | 11,5 | 2,9 | 1,2 | 6 | 8,3 |
| julho/20 | 3,1 | -7,6 | 2,1 | 1,5 | 3,9 | 4 |
| agosto/20 | 3,2 | 31,8 | -1 | 2,4 | 3,4 | 1,8 |
| setembro/20 | 2,6 | 10,4 | 2,4 | 0,8 | 2,9 | 6 |
| outubro/20 | 1,9 | 5,8 | 1,9 | 1,7 | 1,5 | -2,5 |
| novembro/20 | 1,9 | 7,6 | 0,2 | 2,9 | 2 | 1,1 |
| dezembro/20 | 0 | -2,1 | 0,6 | -1,2 | -0,8 | 3,6 |
| **Acumulado****Anual (dez)** | **-7,8** | **-35,6** | **-1,6** | **-11,4** | **-7,6** | **6,8** |
| janeiro/21 | 0,8 | -0,5 | -0,1 | 2,4 | 2,6 | -9 |
| fevereiro/21 | 4 | 7,8 | 0,6 | 3 | 4,8 | 5,2 |
| março/21 | -2,8 | -28 | 2,1 | -0,8 | -1,5 | 3,1 |
| abril/21 | 0,8 | 9,5 | 2,5 | -0,5 | 0,2 | -0,8 |
| maio/21 | 1,9 | 18,4 | -0,6 | 2,1 | 4 | 0,7 |
| junho/21 | 1,9 | 8,1 | 2,5 | 1,3 | 1,5 | 2,2 |
| julho/21 | 1 | 2,5 | -0,6 | 0,7 | -0,4 | -0,4 |
| agosto/21 | 0,6 | 4,3 | 1,3 | -1 | 1 | 2,5 |
| setembro/21 | -0,6 | 1,6 | -0,8 | -0,4 | -1,8 | -6,4 |
| outubro/21 | -1,6 | 1,8 | -1,7 | -2,6 | -0,2 | -6,6 |
| novembro/21 | 2,9 | 2,4 | 4,7 | 1,3 | 2,5 | 4,3 |
| dezembro/21 | 1,7 | 0,7 | -0,3 | 3,3 | 2,6 | 1,4 |
| **Acumulado****Anual (dez) (dez)** | **10,9** | **18,2** | **9,5** | **7,4** | **15,2** | **5** |

Fonte: PMS-IBGE; elaborada pelo autor.

**3-HISTÓRICO E DESEMPENHO DO SETOR DE SERVIÇOS CATARINENSE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19**

Entre 1939 e 1998 o PIB catarinense aumentou em quase 70% a sua participação no PIB nacional: de 2,2% do total passou a contribuir com 3,7%. Além disso, entre 1971 e 1997 a média de crescimento do PIB barriga verde sempre esteve acima da média nacional. Durante a “década perdida”, enquanto o Brasil obteve uma média de crescimento de 2%, a economia catarinense cresceu 5,3%. Um resultado ainda mais eloquente é foi o dos serviços prestados que aumentaram em 80% sua participação no PIB nacional do setor, saltando de 1,5% para 2,7% entre 1939 e 1995 (GOULARTI F., 2001, p. 279). E se na metade do século XX o setor de serviços catarinense correspondia com apenas 30% do produto total, no início dos anos 2000 esse percentual chega próximo dos 60% (GOULARTI F., 2001 apud. ELIAS et Al, p. 45).

Ainda que com uma população estimada de 7.388.473 habitantes (IBGE, 2021a) e ocupando apenas 1,13% do território nacional (GOULARTI F., 2010, p. 55), Santa Catarina contribuiu com um valor R$ 323.263.857,00 do PIB brasileiro (IBGE, 2021d). Este resultado coloca o estado entre as 6 maiores economias do Brasil, ficando à frente de outras 21 unidades federativas. Um salto expressivo para o estado que em 2008 ocupava a sétima posição (GOULARTI F., 2010, p. 55). Em 2019 o estado contribuiu com 4,2% do PIB nacional no setor de serviços, arrecadando R$ 82,5 bilhões (IBGE, 2021c).

Santa Catarina possui uma economia multisetorial diversificada com suas riquezas bem distribuídas de norte a sul. Para se ter ideia, a distribuição do PIB estadual por mesorregião auferida em 2017 mostra que o estado passou de fato por um processo de descentralização das atividades produtivas (MATTEI e LINS, 2010). Segundo os dados do IBGE elaborados pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico de SC e pelo Núcleo de Estudas de Economia Catarinense da UFSC, o vale do Itajaí se destaca contribuindo com 29,94% do PIB. A região Norte contribui com 21,91%, o Oeste com 16,92%, a Grande Florianópolis com 15,09%, o Sul com 11,19% e a região Serrana com 4,95% (NECAT e SDE, 2020).

E cada uma dessas regiões possui uma característica, por exemplo a região de Florianópolis se destaca pelos setores de turismo, serviços, construção civil e tecnologia. Já o Sul destaca-se nos segmentos carbonífero, cerâmico e de vestuário. A região Serrana na produção de papel, celulose e madeira. No Vale do Itajaí prevalecem a indústria naval, tecnológica, têxtil e de vestuário (NECAT e SDE, 2020). É esta diversidade produtiva aliada à histórica descentralização da produção, bem como à distribuição populacional equilibrada e à forte participação da indústria catarinense que faz com que o Estado seja destaque nacional e consiga desempenhar superávits acima da média nacional no setor de serviços.

O Gráfico número 3 exemplifica a queda e recuperação do setor de serviços entre fevereiro de 2020 e setembro do mesmo ano. Após pouco mais de um semestre, SC estava à frente da média nacional e já conseguiria recuperar o volume perdido com a chegada da pandemia antes de outros estados. Entretanto, após a recuperação algumas quedas são observadas em novembro e dezembro de 2020, março, abril, julho e outubro de 2021. Estas são mais frequentes se comparadas às quedas mensais do Brasil (vide Tabela 3).

**Gráfico 3 –** Volume de serviços prestados em Santa Catarina entre 2018 e 2021 (índice base fixa com ajuste sazonal, 2018=100)

Fonte: PMS-IBGE; elaborado pelo autor.

Como pode ser observado na Tabela 4, tanto no Brasil como em Santa Catarina a maior queda mensal ocorreu de março para abril de 2020 (-15%), outras quedas expressivas tomaram lugar em março e outubro de 2021, pontuando -3,7% e -2,5% respectivamente. E, ao examinar com mais detalhes, percebem-se superávits contundentes em janeiro (4,4%), fevereiro (4,1%), maio (2,9%), junho (3,4%) e novembro (3,9%).

Vale destacar que no último semestre de 2021 as variações mensais ou são negativas como julho (-0,1%) e outubro (-2,5%), ou estão abaixo de 1% como em agosto (0,5%), setembro (0,1%) e dezembro (0,7%) – a única exceção é novembro. Portanto, apesar da recuperação vista desde setembro de 2020, pode-se afirmar que a mesma perdeu fôlego nos últimos seis meses de 2021.

**Tabela 4:** Variação (%) do volume de serviços prestados em Santa Catarina durante a pandemia (2014 = 100)

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Mês** | **No mês (com ajuste sazonal)** | **Mesmo mês ano anterior** | **Acumulado****Anual** | **Acumulado em 12 meses** |
| janeiro 2020 | 0,4 | 1,5 | 1,5 | 1,1 |
| fevereiro 2020 | -0,5 | 1,2 | 1,3 | 0,9 |
| março 2020 | -3,5 | -5,2 | -0,9 | 0,4 |
| abril 2020 | -15 | -20,7 | -6 | -1,5 |
| maio 2020 | 6,9 | -18,7 | -8,6 | -4 |
| junho 2020 | 3,8 | -8,6 | -8,6 | -4,6 |
| julho 2020 | 3,7 | -7,4 | -8,4 | -5,5 |
| agosto 2020 | 3,6 | -4 | -7,9 | -5,6 |
| setembro 2020 | 4,6 | 3,8 | -6,6 | -5,2 |
| outubro 2020 | 2,1 | 2,5 | -5,7 | -5 |
| novembro 2020 | -0,2 | 4,4 | -4,8 | -4,4 |
| dezembro 2020 | -0,6 | 4,7 | -3,9 | -3,9 |
| janeiro 2021 | 4,4 | 5,3 | 5,3 | -3,6 |
| fevereiro 2021 | 4,1 | 10 | 7,6 | -2,9 |
| março 2021 | -3,7 | 13,1 | 9,4 | -1,4 |
| abril 2021 | -2 | 29,3 | 13,7 | 2,3 |
| maio 2021 | 2,9 | 24 | 15,6 | 5,8 |
| junho 2021 | 3,4 | 24,6 | 17,1 | 8,4 |
| julho 2021 | -0,1 | 17,9 | 17,2 | 10,6 |
| agosto 2021 | 0,5 | 17,2 | 17,2 | 12,4 |
| setembro 2021 | 0,1 | 11,9 | 16,6 | 13,1 |
| outubro 2021 | -2,5 | 5,5 | 15,3 | 13,4 |
| novembro 2021 | 3,9 | 11,6 | 14,9 | 14 |
| dezembro 2021 | 0,7 | 13,2 | 14,8 | 14,8 |

Fonte: PMS-IBGE; elaborada pelo autor.

Esta perda de fôlego do último semestre, tanto no Brasil quanto em Santa Catarina pode ser vista conjuntamente com a elevação da taxa básica de juros da economia, a Selic, que chega a 11,75% em fevereiro deste ano. Ao mesmo tempo tem-se o descumprimento das metas de inflação que segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) já está em 10,45% (COPOM, 2022). Todos estes fatores contribuem para a corrosão do poder de compra da maior parte da população brasileira que despende quase todos os seus ganhos consumindo itens de primeira necessidade entre alimentação, higiene, transporte e demais contas de água, energia, aluguel, internet, etc.

Na comparação com o mesmo mês do ano anterior percebe-se que já em setembro do primeiro ano de pandemia, os resultados voltaram a crescer. Para aclarar esta relação perceba que em abril de 2020 houve a maior retração do período (-20,7%) enquanto que em abril do ano seguinte o maior crescimento (2,3%). Este fato demonstra que quando há uma base de comparação fraca, os resultados comparados se destacam.

No acumulado anual até dezembro de 2020 todos os resultados são negativos, exceto por janeiro e fevereiro e nota-se que o ano fecha em queda de -3,9%. Já em 2021 todos os resultados são positivos com destaque para o acumulado de julho (17,2%). No que se segue o ano fecha em alta de 14,8%. Portanto, pode-se inferir que 2021, apesar das oscilações mensais, finaliza com saldo positivo e acima do esperado, bem como acima dos níveis nacionais. O Estado catarinense segue de fato mostrando sua força de recuperação dadas as diversas atividades que produz, principalmente no setor de tecnologia na região de Florianópolis e no Vale do Itajaí.

Na Tabela 5 percebe-se que o destaque de crescimento e recuperação vai para os serviços de transporte, serviços auxiliares aos transportes e serviços de correios. Em 2020 obteve a menor queda, de -1,7% e em sentido oposto, no ano seguinte conquistou o primeiro lugar no ranking com o maior crescimento entre os cinco segmentos, totalizando 18,6%.

Se observados atentamente os dados indicam que no ano de recuperação apenas os serviços prestados às famílias e os serviços administrativos, profissionais e complementares pontuaram negativamente; aqueles decresceram nos três primeiros meses do ano, janeiro (-22,1%), fevereiro (-19,4%) e março (-11,4%) e estes últimos começaram a tropeçar nos três últimos meses do ano outubro (-12,1%), novembro (-14,6%) e dezembro (-7,3%). Apenas os serviços prestados às famílias seguem abaixo do nível pré-pandêmico. Segundo a série do IBGE, base 100 = 2014, naquele período eles marcaram 91,8 p.p. e dois anos depois, em fevereiro de 2022, marcam 80,9 p.p.; um total de 10,9% abaixo do nível pré-pandêmico. No caso dos serviços profissionais, administrativos e complementares os dados do último trimestre demarcam sua recuperação de fato. Dezembro/21 (81 p.p.), janeiro/22 (81,5 p.p) e fevereiro/22 (82,7 p.p) superaram o índice registrado em fevereiro de 2020 (80,4 p.p.).

Se considerados os acumulados anuais percebe-se que apenas outros serviços e os serviços profissionais, administrativos e complementares não fecharam o último biênio com saldo negativo. Novamente, o setor mais afetado foi o de serviços prestados às famílias que perdeu -26,3% no acumulado anual em 2020. Já os serviços de informação e comunicação caíram -6,1% em 2020 e cresceram 12,8 em 2021. Os de transporte e correios caíram -1,7% em 2020 e cresceram 18,6% em 2021.

**Tabela 5:** Variação mês/mesmo mês do ano anterior e acumulado anual (%) no volume das atividades de serviços prestados em Santa Catarina (2014 = 100)

|  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **Mês** | **Total** | **Serviços****Prestados****às Famílias** | **Serviços de****Informação e****Comunicação** | **Serviços****Profissionais****Administrativos****Complementares** | **Serviços de****Transporte** **Auxiliares****e Correio** | **Outros** |
| janeiro/20 | 1,5 | 1,4 | 0,5 | 0,4 | 2,8 | 0,8 |
| fevereiro/20 | 1,2 | 14,3 | -3 | 1,8 | 0,3 | 2,3 |
| março/20 | -5,2 | -37,2 | -9,8 | 2,9 | 3 | 18,1 |
| abril/20 | -20,7 | -56,2 | -13,1 | -19,4 | -20,4 | -7,7 |
| maio/20 | -18,7 | -45,4 | -19,4 | -8,4 | -17,1 | -6,4 |
| junho/20 | -8,6 | -40,6 | -7,3 | -0,4 | -4,9 | -3,5 |
| julho/20 | -7,4 | -44,1 | -10,1 | 14,8 | -2,7 | -6,1 |
| agosto/20 | -4 | -34,5 | -7,9 | 20,6 | -2,3 | -0,9 |
| setembro/20 | 3,8 | -22,6 | -0,7 | 25,8 | 5,8 | 8,5 |
| outubro/20 | 2,5 | -14,9 | -2,7 | 32,3 | 1,1 | 1,2 |
| novembro/20 | 4,4 | -22,8 | 1,4 | 33,6 | 4,1 | 2,1 |
| dezembro/20 | 4,7 | -27 | 2,6 | 28,5 | 9,6 | -4,5 |
| **Acumulado****Anual (dez)** | **-3,9** | **-26,3** | **-6,1** | **11** | **-1,7** | **0,1** |
| janeiro/21 | 5,3 | -22,1 | 8,7 | 31 | 4,8 | 0,8 |
| fevereiro/21 | 10 | -19,4 | 10,5 | 23,5 | 13,9 | 12,9 |
| março/21 | 13,1 | -11,4 | 8,3 | 28,4 | 17,3 | 4,8 |
| abril/21 | 29,3 | 68,2 | 8,4 | 43,4 | 39,4 | 17,5 |
| maio/21 | 24 | 46,5 | 6,4 | 28,5 | 34,3 | 19,5 |
| junho/21 | 24,6 | 40,6 | 19,4 | 23,2 | 27,1 | 21,6 |
| julho/21 | 17,9 | 63,3 | 11,7 | 6,5 | 18,1 | 27,7 |
| agosto/21 | 17,2 | 35 | 16,7 | 2 | 20,3 | 22 |
| setembro/21 | 11,9 | 23 | 11,6 | 0,7 | 15,4 | 5,3 |
| outubro/21 | 5,5 | 8,1 | 11,8 | -12,1 | 9 | -0,1 |
| novembro/21 | 11,6 | 12,9 | 26,7 | -14,6 | 12,3 | 16 |
| dezembro/21 | 13,2 | 22,8 | 13,4 | -7,3 | 19,7 | 16,7 |
| **Acumulado****Anual (dez) (dez)** | **14,8** | **13,7** | **12,8** | **9,9** | **18,6** | **13,5** |

Fonte: PMS-IBGE; elaborada pelo autor.

De acordo com os dados do SIDRA – IBGE (2022a), entre março de 2021 e fevereiro de 2022, SC acumulou uma variação positiva total de 13,8% no volume de serviços prestados. Sendo que os serviços prestados às famílias obtiveram o melhor desempenho: 22,5%, claro, também por auferirem a maior queda. Na sequência, os serviços de transportes e correio aparecem com 18,8%, outros serviços com 14%, serviços de informação e comunicação com 10,9% e serviços profissionais, administrativos e complementares com 2,4%. Vale pontuar que o setor com o único saldo positivo de 2020 vem freando sua tendência e obteve cinco resultados negativos desde outubro de 2021, com -19 p.p. em janeiro e -19,6 p.p. em fevereiro de 2022 (IBGE, 2022a).

Em 2002 o setor de serviços contribuiu com 58,6% do PIB catarinense; já em 2017 houve um aumento de quase 10%, passando a representar 66,9% de todo o PIB. Comércio e reparação de veículos automotores representaram 15,80% deste total, administração, defesa, educação, saúde pública e seguridade social 14,40%, atividades imobiliárias 10,50%, atividades profissionais, científicas, técnicas, administrativas e serviços complementares 6,30%. Serviços de transporte, armazenagem e correio um total de 4,60%, atividades financeiras e de seguros 3,90%, educação e saúde privadas 3,40%, informação e comunicação 2,80%, alojamento e alimentação 2,10% e outros 3,10%. (NECAT e SDE, 2020).

Em uma década (2010-2019) Santa Catarina gestou 29 mil empresas de serviços, atingindo o sexto maior desempenho nacional na abertura de novos negócios não financeiros. No final do período, um total de 88,4 mil empresas de serviços empregavam 635 mil pessoas; a média era de 2,04 salários mínimos por pessoa, a quarta maior do país. Além disso, entre os estados da região sul, a contribuição de SC no setor foi a que mais cresceu na década ao avançar 4 p.p. chegando a 27,2% do total (IBGE, 2021c). Portanto, os dados e a história da formação econômica do setor de serviços catarinenses corroboram com o desempenho analisado até o momento e com a recuperação temporã do setor em relação ao Brasil.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A economia brasileira, antes da pandemia de COVID-19, já passava por períodos de desaceleração e estagnação desde 2016. A falta de dinamismo nos diversos setores que compõem o PIB foi agravada pelas restrições aos serviços não essenciais. Contudo, o maior setor da economia brasileira conseguiu se recuperar em 2021, mais precocemente em Santa Catarina (SC) do que no país como um todo. Fatores que contribuíram para esta recuperação estão atrelados não somente aos auxílios promulgados pelos poderes executivo e legislativo, mas à necessidade de seguir sobrevivendo frente aos altos níveis de desemprego, inflação e juros. Diante das adversidades a população brasileira e catarinense não poderia parar de ganhar seu sustento e encontrou novas formas de prestar serviços, ainda que à distância.

A vacinação massiva da população até a terceira dose é um indicativo positivo para o fim das restrições e para que as pessoas se sintam seguras para voltar a consumir serviços fora de casa. Mas, o cenário econômico não muito favorável ao poder de compra pode atravancar a prospecção de crescimento do setor.

Após séries de restrições sanitárias, que contribuíram com o súbito revés na já estagnada economia brasileira e com o resultado deficitário de 2020 (-7,8%), o setor de serviços se recuperou com a maior taxa de fechamento anual desde que a série é pesquisada: dezembro encerra 2021 com 10,9% de crescimento em relação a dezembro de 2020. Este estudo demonstra que a base de comparação para tal mês não estava enfraquecida: em dezembro de 2020 o índice do volume de serviços no Brasil marcava 98,41 pontos percentuais (p.p.), muito próximo do valor pré-pandêmico de 102,05 p.p. de fevereiro do mesmo ano. Portanto, em dezembro de 2020 o setor de serviços já estava próximo da recuperação e doze meses depois cravou o pico histórico (108,76) da série elaborada pelo NECAT iniciada em 2018. No fim do período o setor se encontra 6,7% acima do nível de fevereiro de 2020 (102,05), mas ainda -5,6 p.p. abaixo do nível de novembro de 2014, recorde histórico registrado pela série do IBGE.

No Brasil observa-se que os serviços administrativos, profissionais e complementares apenas se recuperam. Dois anos depois o subsetor consegue estar 2,32% acima do nível de fevereiro de 2020. Já os serviços prestados às famílias, apesar de terem acumulado um crescimento de 59,8% nos últimos 9 meses (IBGE, 2022b), seguem, em fevereiro de 2022, 10,9% abaixo do nível pré-pandêmico (SIDRA IBGE, 2022a). Esses últimos foram os que mais se deterioraram em razão do seu caráter de funcionamento presencial, bem como das mudanças nas preferências do consumidor, na dinâmica de trabalho, bem como a perda do poder de compra do brasileiro. Claro, com uma inflação (medida pelo IPCA) que fecha o ano em 10,06%, muito acima da meta de 3,75% estabelecida em 2018 pelo Conselho Monetário Nacional (CNM), o consumidor mais afetado é aquele pertencente às camadas mais pobres da sociedade que despendem grande parte ou até mesmo a totalidade de suas rendas em consumo básico: alimentação e transporte (COPOM, 2022).

O início da reação catarinense acontece em maio de 2020 (90,42 p.p.) quando cresce acima dos 84,61 p.p de abril, pior resultado da série. Tal reação ocorre um mês antes do Brasil esboçar recuperação. No período que se segue, o volume de serviços acumula uma perda de -3,9% em 2020, menos profunda que a queda nacional de -7,8%. A pior queda fica com os serviços prestados às famílias -26,3% e o único saldo positivo com serviços profissionais, administrativos e complementares (11%). Em 2021 seu superávit impulsiona a recuperação acima da média brasileira, desempenhando 14,8% de crescimento frente aos 10,9% do Brasil. Destaque para serviços de transportes e correio que acumulou 18,6% de crescimento e os prestados às famílias que acumulou 13,7% no ano.

Consideradas as devidas proporções territorial e populacional pode-se inferir que Santa Catarina apresentou no último decênio um desempenho acima da média de sua região em relação ao crescimento da participação no PIB do setor de serviços, um desempenho acima da média nacional no que se refere à recuperação do setor após o ano mais crítico da pandemia (2020). Além disso o superávit deste período alavancou da sexta para a sétima posição no ranking brasileiro de participação (%) no PIB de serviços, ultrapassando a Bahia. Tais fenômenos aliados aos dados analisados, à histórica descentralização e à diversidade de atividades exercidas mostram um setor de serviços catarinense dinâmico e resiliente.

Segundo a Fundação Getúlio Vargas, o índice de confiança nas atividades de serviços caiu -2,3 p.p. em novembro e -1,3 p.p. em dezembro de 2021, continuou caindo -4,3 p.p. em janeiro e -2 p.p. em fevereiro de 2022, subindo +3 p.p. em março, o que não indica um cenário favorável nesse início de ano para o setor (FGV, 2022). Influenciado pelas expectativas sobre a melhora da pandemia e pela percepção de aumento no volume de serviços prestados, não se pode afirmar que a última alta no Índice de Confiança nos Serviços (ICS) indique continuidade na recuperação vista em 2021.

É necessário estar atento a confiança dos consumidores, ao nível de emprego e renda, bem como o cenário macroeconômico que nos próximos meses não indica expectativas positivas. Uma inflação permanente, taxa básica de juros acima dos 11% e crescendo, taxa de desemprego em 11,2% com 12 milhões de desempregados, a confiança sobre a decisão de consumir segue em baixa juntamente com o pessimismo em relação a situação das empresas no cenário de restrições mais leves.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARBACHE, Jorge. Produtividade no Setor de Serviços. In: DE NEGRI, Fernanda; CAVALCANTE, Luiz Rricardo (Orgs.). **Produtividade no Brasil**: desempenho e determinantes. Brasília: ABDI: IPEA, vol. 2, 2015. p. 277-300.

BCB – Banco Central do Brasil. **Carta Aberta explicando a inflação acima do limite superior do intervalo de tolerância da meta em 2021**. Redigida pelo Presidente do BCB, Roberto Oliveira Campos Neto. Disponível em: < https://www.bcb.gov.br/content/controleinflacao/controleinflacao\_docs/carta\_aberta/OF\_CIO\_823\_2022\_BCB\_SECRE\_01.pdf >. Acesso em: 01 mar. 2022.

COPOM – Conselho de Política Monetária. **Comunicado 38.452 do COPOM.** Diário Oficial da União, 2022. Disponível em: < https://www.in.gov.br/web/dou/-/comunicado-n-38.452-de-16-de-marco-de-2022-386913166 >. Acesso em 22 mar. 2022.

CASTRO, Saulo de Souza Guerra Ferreira; BARBOSA, Renato Castro de Faria; SILVA, Gustavo Felipe Pereira da; LIMA, Marcus Flávio Souza; MESQUITA, Erlan Pereira. **Relatório do Comércio Exterior Brasileiro de Serviços 2020**. Brasília: Ministério da Economia - Secretaria de Comércio Exterior. Disponível em: < https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior/publicacoes-secex/boletins-de-comercio-exterior/arquivos/relatorio-servicos-2020.pdf >. Acesso em: 3 fev. 22.

ELIAS, Lilian de Pellegrini; FRONZA, Mateus Victor Cassol; MATTEI, Lauro. **Impactos da Covid-19 sobre o setor de serviços no Brasil e em Santa Catarina nos primeiros oito meses de 2020.** Revista NECAT (ISSN 2317-8523) v. 9, n. 17 (2020). Florianópolis: Núcleo de Estudos de Economia Catarinense – Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: < https://revistanecat.ufsc.br/index.php/revistanecat/issue/viewIssue/291/142 >. Acesso em: 20 dez. 2021.

FGV – Fundação Getúlio Vargas. **Confiança do setor de serviços sobe 3,0 pontos em março.** FVG IBRE, Sondagem de Serviços, 2022. Disponível em: < https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2022-03/sondagem-de-servicos-fgv\_press-release\_mar22\_0.pdf>. Acesso em 13 abr. 2022.

GAMA NETO, Ricardo Borges. **Impactos da Covid-19 sobre a Economia Mundial**. Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 113–127, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3786698. Disponível em: < https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/134 >. Acesso em: 22 fev. 2022.

GOULARTI FILHO, Alcides Goularti. **Formação Econômica de Santa Catarina: uma tentativa de síntese.** In: A socioeconomia catarinense, cenários e perspectivas no início do século XXI.Chapecó: Argos, 2010.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Padrões de crescimento e diferenciação econômica em Santa Catarina**. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001. Disponível em: < https://necat.paginas.ufsc.br/files/2011/10/Alcides-Goularti-Filho1.pdf >. Acesso em: 26 jan. 2022.

HEINEN, Vicente Loeblein; MATTEI, Lauro. **Quem foram os trabalhadores mais atingidos pela crise associada à pandemia da Covid-19 em Santa Catarina?** Florianópolis: Núcleo de Estudos de Economia Catarinense – Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: < https://necat.ufsc.br/quem-foram-os-trabalhadores-mais-atingidos-pela-crise-associada-a-pandemia-da-covid-19-em-santa-catarina/ >. Acesso em: 20 dez. 2021.

IBGE. **Cidades e Estados: população estimada de Santa Catarina**. IBGE, 2021a. Disponível em: < https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc.html >. Acesso em: 05 jan. 2022.

IBGE. **Contas Nacionais Trimestrais**: indicadores de volume e valores correntes (2021b).Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2121/cnt\_2021\_4tri.pdf >. Acesso em: 08 mar. 2022.

IBGE. **Pesquisa Anual de Serviços 2019.** IBGE: Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-8, ISSN 1519-8006, 2021c. Disponível em: < https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/servicos/9028-pesquisa-anual-de-servicos.html?=&t=publicacoes#:~:text=Sobre%20-%202019,receitas%2C%20despesas%20e%20valor%20adicionado >. Acesso em: 04 jan. 2022.

IBGE. **Pesquisa Mensal de Serviços.** Indicadores IBGE, 2022a. Disponível em: < https://sidra.ibge.gov.br/home/pms/brasil >. Acesso em: 20 jan., 18 fev., 17 mar, e 14 abr. 2022

IBGE. **Pesquisa Mensal de Serviços.** Série Relatórios Metodológicos. Rio de Janeiro: IBGE, 2022b. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=72419 >. Acesso em: 17 mar. 2022.

IBGE, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)**. Séries Histórias: taxa de desocupação, jul-ago-set 2020a. Disponível em: < https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?edicao=20652&t=series-historicas >. Acesso em 12 dez. 2021.

IBGE. **PIB por Unidade da Federação, 2019**. In: PIB dos Municípios. Rio de Janeiro: IBGE, 2021d. Disponível em: < https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?=&t=destaques >. Acesso em: mar. 2022.

IBGE, **Sistemas de Contas Nacionais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020b.

IPEA. **Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil**. Organizadores: João Alberto De Negri, Luis Claudio Kubota. Brasília: IPEA, 2006. 502 p.

IPEA. **O setor serviços no Brasil:** uma visão global – 1985/95. Texto para discussão nº 549. Rio de Janeiro; Brasília: IPEA, 1998. Disponível em: < http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2381/1/td\_0549.pdf >. Acesso em 10 dez. 2021.

NASCIMENTO, L. **Caged: Brasil cria 328 mil empregos com carteira assinada em fevereiro**. Agência Brasil, 2022. Disponível em: < https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/ noticia/2022-03/caged-brasil-cria-328-mil-empregos-com-carteira-assinada-em-fevereiro >. Acesso em 29 mar. 2022.

MANS, Matheus. **Setor de serviços emprega 55 milhões de brasileiros.** Yahoo Finanças, 2021. Disponível em: < https://br.noticias.yahoo.com/setor-de-servicos-emprega-55-milhoes-de-brasileiros-080051828.html >. Acesso em 28 mar. 2022.

MATTEI, Lauro. LINS, Hoyêdo Nunes. **A socioeconomia catarinense,** **cenários e perspectivas no início do século XXI.** Chapecó: Argos, 2010.

NASS, Victor Hugo Azevedo; LOPES, Allan da Cruz. **Serviços continuam liderando a geração de empregos formais de Santa Catarina em setembro.** Florianópolis: Núcleo de Estudos de Economia Catarinense – Universidade Federal de Santa Catarina, 2021. Disponível em: < https://necat.ufsc.br/servicos-continuam-liderando-a-geracao-de-empregos-formais-de-santa-catarina-em-setembro/ >. Acesso em 12 jan. 2022.

Núcleo de Estudos de Economia Catarinense (NECAT); Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico e Sustentável de Santa Catarina (SDE). **Raio-x do Produto Interno Bruto Catarinense.** In: Economia de SC: raio-x do PIB mostra por que o Estado tem o sexto melhor resultado do país, 2020. Disponível em < https://ndmais.com.br/economia-sc/economia-sc-pib-sexto-resultado-pais/ >. Acesso em 15 mar. 2022.

PEREIRA, Anthony W.; MATTEI, Lauro. **The Brazilian economy today: towards a new socio-economic model?** London; New York: Palgrave Macmillan, 2015.

RODRIGUES, Alex. **Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil.** Brasília: Agência Brasil, 2020. Disponível em: < https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-02/ministerio-da-saude-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-no-brasil >. Acesso em: 15 fev. 2022.

USP – Universidade de São Paulo – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. **Monitoramento de novos óbitos confirmados de COVID-19 – Brasil.** Disponível em: < https://ciis.fmrp.usp.br/covid19/brasil >. Acesso em dez. 2021.

1. Este artigo decorre das atividades desenvolvidas no âmbito do NECAT-UFSC no projeto “Análise dos impactos econômicos da pandemia no estado de Santa Catarina” [↑](#footnote-ref-1)
2. Internacionalista, graduando em Ciências Econômicas e bolsista do NECAT-UFSC. [↑](#footnote-ref-2)
3. Professor titular do curso de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Administração, ambos da UFSC. Coordenador geral do NECAT-UFSC e pesquisador do OPPA/CPDA/UFRRJ. [↑](#footnote-ref-3)